

Como citar este artigo:

**TRAVAGLIA, Luiz Carlos .** **Composição tipológica de textos como atividade de formulação textual** (2002).

Revista do GELNE, Fortaleza, v. 4, n. 1/2, p. 32-37, 2005. ISSN/ISBN: 15177874.

# COMPOSIÇÃO TIPOLOGICA DE TEXTOS COMO ATIVIDADE DE FORMULAÇÃO TEXTUAL

## Resumo

*Neste artigo, buscamos demonstrar que a composição tipológica dos textos, nas situações de interação comunicativa, é uma atividade de formulação textual que tem grande importância porque sobredetermina outras atividades de formulação textual tais como: a) a seleção e organização de informações, inclusive sua distribuição por categorias ou partes da superestrutura; b) a constituição da superestrutura do texto; c) a composição da seqüência lingüística.*

**Palavras-chave:** *Texto, Tipos de texto, Formulação textual.*

## Abstract:

*In this paper, we intend to demonstrate that the typological composition of the texts, in the communicative situations of interaction, is an activity of textual formulation and that it is very important, because it commands other activities of textual formulation, such as: a) the selection and organization of information, including their distribution inside "categories" or "parts" of the textual structure called "superstructure"; b) the constitution of the textual superstructure; c) the composition of the linguistic sequency.*

**Key words:** *Text, Types of texts, Textual formulation.*

Entendemos como atividade de formulação textual todo e qualquer fato envolvido na constituição/construção de um texto, de uma seqüência lingüística que funcione como texto ao fazer sentido para dois interlocutores, apresentando o que se convencionou chamar em Lingüística Textual de coerência. Assim são atividades de formulação textual: a) a escolha de informações<sup>1</sup> (idéias, conceitos, sentimentos, episódios, entidades, características de entidades, etc) que aparecerão no texto. Essa escolha vai ser afetada por objetivos e intenções do produtor e/ou receptor do texto, o conhecimento que se julga que o interlocutor tem, etc;

b) a organização que se dá a estas informações e que é afetada por fatores diversos e basicamente por questões cognitivas e argumentativas; c) a escolha e construção da forma lingüística que servirá de veículo para tais informações e às estratégias argumentativas que as acompanham. Aqui entram naturalmente os elementos de todos os planos (lexical, frasal e textual) e níveis (fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático) da língua. Evidentemente há atividades de formulação textual tanto do lado do produtor do texto quanto do receptor/compreendedor do mesmo texto.

Como já se disse o dizer é tipificante<sup>2</sup>, ou seja, o processo de interação comunicativa, por ocorrer sempre dentro de um tipo de situação de interação, se dá sempre de um determinado modo ou maneira que varia de acordo com o tipo de situação de interação comunicativa. Cada modo de interlocução, de interação comunicativa instaura um processo típico, um funcionamento discursivo distinto que se conforma em um tipo de texto, para efetivar a comunicação, que como se sabe só acontece por meio de textos (Cf. Travaglia-1991).

Dessa forma o texto que se formula para comunicar é sempre de um tipo, ou seja, o dizer (oral ou escrito) não se faz fora de um "elemento tipológico (tipo e/ou gênero e/ou subtipo, conforme Travaglia-2001)" o qual determina ou sobredetermina uma série de elementos na formulação do texto enquanto tal. Assim pode-se dizer que ao compor um "elemento tipológico" na formulação do texto, essa composição é uma atividade de formulação do texto que faz com que tenhamos de atender a vários aspectos para constituir/formular tal texto, uma vez que cada elemento tipológico tem características de estrutura e composição que lhe são próprias e distintas das de outros elementos tipológicos em alguma medida, e que se apresentam numa correlação entre propriedades e marcas (Cf. Orlandi-1987:235 e Travaglia-1991: capítulo 2) e que têm de ser consideradas, caso contrário o propósito e a atividade comunicativos entrarão em falência ou apresentarão perturbações.

Esquemáticamente podemos dizer que o "elemento tipológico" sobredetermina ou determina, basicamente, os seguintes aspectos na formulação de um texto:

<sup>1</sup> - Sobre a escolha e organização de informações ver Travaglia (1999).

<sup>2</sup> - Cf. Orlandi (1987:153 e 231) e Travaglia (1991: capítulo 2).

- 1- a seleção de informações de uma dada natureza para constituir o texto e sua distribuição por “partes” ou “categorias” de superestrutura do tipo de texto em uso (Cf. Travaglia 1999);
- 2- a constituição/formulação de uma estrutura esquemática básica a que a Linguística Textual chama de “superestrutura” e que é própria do tipo de texto que se está produzindo;
- 3- elementos composicionais de formulação da seqüência lingüística, advindos da correlação entre marcas e propriedades próprias do elemento tipológico em formulação e que configuram as características de superfície lingüística de cada tipo de texto.

A especificação e o detalhamento destes três elementos básicos da composição tipológica como atividade de formulação textual dependentes de questões tipológicas é extremamente longo e objeto para muitos projetos de pesquisa. Todavia, para deixar claro o que queremos dizer, vamos buscar exemplificar com alguns fatos da língua e da constituição de tipos de textos que já pudemos observar em nossas pesquisas.

Em primeiro lugar, quanto à **seleção de informações de uma dada natureza** vamos retomar aqui o que dissemos em Travaglia (1999), ressaltando que o fato de um determinado modo de interação levar a um elemento tipológico A ou B implica a seleção de um certo tipo de informação distinto em cada caso. O tipo de informação selecionado depende da perspectiva em que o enunciador/locutor (produtor do texto) se coloca. Vejamos, de acordo com Travaglia (1991:49-57) as perspectivas em que podem se colocar os formuladores de textos para quatro tipos de textos, que temos considerado fundamentais na composição/ formulação de textos, e a natureza das informações que devem aparecer na formulação de cada um:

a- na **descrição**, o produtor do texto se coloca na perspectiva do espaço em seu conhecer o que o leva a querer caracterizar, dizer como é, escolhendo pois informações apropriadas a este fim: localização, características e elementos constitutivos do objeto da descrição;

b- na **narração**, o produtor se coloca na perspectiva do fazer ou acontecer inserido no tempo. O que quer é contar o que aconteceu, dizer os fatos, os acontecimentos. Portanto o tipo de informação necessária é outro: Os fatos ou acontecimentos, constituindo episódios, ordenados no tempo do mundo real;

c- na **dissertação**, o produtor se põe na perspectiva do conhecer, abstraindo do tempo e do espaço. Neste caso busca o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, o expor idéias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações. Assim sendo, o que importa como informação são as entidades, as proposições sobre elas e as relações entre estas proposições sobretudo as de

condicionalidade, causa/conseqüência, de oposição (ou contrajunção), as de adição (ou conjunção), de disjunção, de especificação/ampliação/ exemplificação, comprovação, etc.

d- na **injunção**, o produtor fica na perspectiva do fazer posterior ao tempo ou momento da enunciação. O objetivo é incitar à realização de uma situação (ação, fato, fenômeno, estado, evento, etc.), requerendo-a ou desejando-a, ensinando ou não como realizá-la. Neste caso a informação é sempre algo a ser feito e/ou como ser feito.

Os quatro “elementos tipológicos” apresentados acima são, pela proposta de Travaglia (2001), “tipos”. Como um tipo pode apresentar subtipos e gêneros, também estes podem ter influência na natureza das informações escolhidas para formular o texto. Assim, se tivermos uma narração do subtipo “história”<sup>3</sup>, os episódios precisam ser ordenáveis no tempo do mundo real, caminhando em seu conjunto para um determinado fim ou episódio desfecho que encerra a série; todavia, se tivermos uma narração do subtipo “não história”, os episódios não precisam ser encadeáveis no tempo em direção a um fim, mas devem, por exemplo, poder, em seu conjunto, ser vistos como constituindo um grande episódio. Isto é o que acontece por exemplo no gênero “ata” que é do subtipo “não-história” do tipo “narração”. Dentro do tipo narração, gêneros como ata, reportagem, biografia, casos, autos jurídicos exigem informações que sejam verdadeiras ou presumivelmente verdadeiras no mundo real (tem-se o que muitos classificam como textos factuais); enquanto outros gêneros como romance, piadas, contos, novelas (de TV ou não), fábula podem ser formulados com informações verossímeis ou não, mas que não precisam ser verdadeiras no mundo real (daí os textos que são classificados como ficcionais).

Em segundo lugar, quanto à **constituição/formulação de uma estrutura esquemática** ou “superestrutura”<sup>4</sup>, o que se observa é que dentro de uma cultura determinada o texto de dado tipo só funciona se for formulado de modo a reproduzir este esquema básico. Sabe-se que a superestrutura é constituída por “partes” ou “categorias” que podem ser obrigatórias ou facultativas, recursivas ou não. Assim, por exemplo, os textos do tipo narrativo do subtipo história encaixam-se todos na superestrutura geral, proposta por Travaglia (1991) e apresentada no esquema 1.

Dessas categorias as únicas obrigatórias são a “complicação” e a “resolução”. Assim, é possível fazer um texto narrativo história com apenas duas orações como em (1), mas um texto como o de (2) que ficou apenas na orientação, estará indevidamente formulado e não funcionará adequadamente na comunicação. O mesmo vale para as superestruturas dos demais elementos tipológicos e, dessa forma, constituir a superestrutura é uma atividade de formulação textual fundamental.

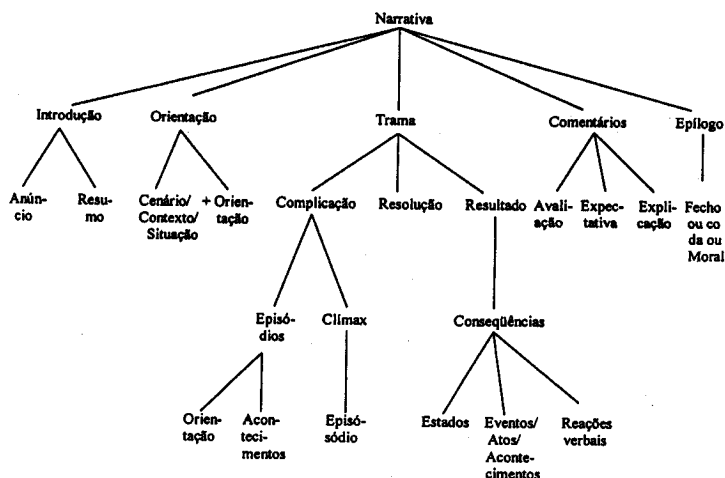
(1) O meu filho adoeceu com cinco anos e morreu em um mês.

<sup>3</sup> Para a distinção entre tipos, subtipos e gêneros ver Travaglia (2001).

<sup>4</sup> Sobre superestrutura ver Koch e Travaglia (1989: 65 e 92, 93), Marquesi (1995), Travaglia (1991: 287 e ss.) e Van Dijk (1983:141-173 e 1986).

(2) Era uma vez um homem que virava lobisomem. De noite, à meia noite ele ia para o chiqueiro e lá virava lobisomem. (Texto produzido por aluno de ensino fundamental, 2ª série).

Esquema 1



Alguns tipos, gêneros ou subtipos incluem outros aspectos nesta superestrutura. Assim alguns elementos tipológicos narrativos história, incluem personagens típicos ou prototípicos. É o caso dos contos de fadas (reis e rainhas, príncipes e princesas, fadas, bruxas, objetos e animais mágicos ou fantásticos) e das piadas (o português e a loira burros, o judeu e o árabe avarentos, o papagaio e o mineiro espertos, o genro e sogra, etc.)

Ainda é preciso considerar que determinadas categorias da superestrutura são formuladas por determinados elementos tipológicos específicos e portanto atenderão as determinações deste fator tipológico em sua formulação, apesar de o texto como um todo se definir pela dominância como de um tipo, gênero ou subtipo que não coincide com aquele da parte ou categoria da superestrutura. Assim na superestrutura da narração história temos o seguinte: a) a orientação e o resultado (estado) são descritivos; b) o anúncio, o resumo, a complicação, a resolução, o resultado (eventos, atos, acontecimentos, algumas reações verbais) e o epílogo ou conclusão (fecho) são narrativos e os comentários (expectativas) geralmente são narrativos preditivos<sup>5</sup>; c) os resultados (as reações verbais em sua maioria), os comentários (avaliação e explicação) e o epílogo ou conclusão (coda e moral) são dissertativos<sup>6</sup>. A não observação destes aspectos na formulação textual gera textos com problemas.

Em terceiro lugar, quanto aos **elementos composicionais de formulação da seqüência linguística**, advindos da correlação entre marcas e propriedades próprias do elemento tipológico em formulação e que configuram as características de superfície linguística de cada tipo de texto, o que se observa é que não há

propriamente marcas que sejam exclusivas de determinado elemento tipológico. Assim, Travaglia (1991) observa, por exemplo, que o presente do indicativo, comumente apresentado como uma forma característica e caracterizadora da dissertação, na verdade aparece também na formulação de descrições, narrações e injunções e o pretérito perfeito do indicativo que é apresentado comumente como característico da narração aparece também em dissertações e descrições (neste caso quando há intercâmbio de tipos de textos)<sup>7</sup>. Travaglia (1991) também demonstra que afirmações como as de que a descrição se faz sempre com o presente do indicativo ou o pretérito imperfeito do indicativo se baseiam apenas no que é mais freqüente, mas tem-se também descrições com o futuro do presente e com o pretérito imperfeito do indicativo. Todavia Travaglia (1991) evidencia que, na formulação dos diferentes tipos textuais, há fatos bastante pertinentes quanto ao uso de elementos linguísticos dos quais damos alguns exemplos a seguir e o leitor poderá encontrar correlações desse tipo em diversos trabalhos sobre tipologia textual.

Quando Weinrich (1968) propôs que, de acordo com a atitude comunicativa, poder-se-ia ter os textos do mundo narrado e do mundo comentado, e que os dois tipos se distinguiam pelo grupo de formas verbais que apareciam em cada um, o que se estava colocando é que a formulação linguística desses tipos de textos só pode ser feita, usando determinadas formas verbais. O uso de forma verbal de textos do mundo narrado em textos do mundo comentado e vice-versa, constituem, segundo Weinrich, "metáfora temporal", ou seja, quando isto é feito gera-se efeitos de sentido particulares. Para o Português os dois grupos de verbos seriam, segundo Koch (1984), os seguintes: a) textos do mundo narrado: pretéritos imperfeito, perfeito e mais que perfeito (simple e composto) do indicativo, futuro do pretérito (simple e composto); b) textos do mundo comentado: presente do indicativo, pretérito perfeito composto, pretérito perfeito simple (retrospectiva), futuro do presente simple e composto. Como se sabe, Weinrich ainda agrupa as formas verbais de cada tipo de texto segundo uma perspectiva comunicativa (grau zero, prospecção, retrospectão) e relevo (primeiro e segundo planos).

Travaglia (1991), estudando o funcionamento textual-discursivo do verbo no Português do Brasil, observou que o uso dos tipos de verbos e situações por eles indicadas, das formas e categorias verbais é altamente regulado pelos quatro tipos de textos que utilizou em sua análise, havendo uma correlação clara entre propriedades e marcas linguísticas na formulação de cada tipo de texto. Alguns fatos são apresentados a seguir, em forma resumida e bastante simplificada:

<sup>5</sup> Sobre textos preditivos ver Koch e Fávero (1987) e Travaglia (1991).

<sup>6</sup> Sobre a relação entre partes ou categorias de superestruturas e elementos tipológicos ver Castro (1980) e Travaglia (1991: item 6.4).

<sup>7</sup> Sobre intercâmbio de tipos de textos ver Travaglia (1991: capítulo 2).

## 1) Textos descritivos

a) contrariamente ao que se tem proposto a descrição se faz sobretudo com verbos dinâmicos<sup>8</sup>. Os estáticos aparecem muito na descrição estática, mas eles não são a maioria;

b) os únicos verbos gramaticais que aparecem são os de ligação, sobretudo na descrição estática, daí o alto número de frases nominais, que aparecem também sem verbo;

c) aparecem verbos enunciativos ligados à visão, já que se instaura o interlocutor como "voyeur": ver, perceber, notar, observar, admirar, avistar (todos em sentido sensorial);

d) os textos descritivos só são possíveis com o aspecto imperfectivo, sendo que na descrição narradora aparecem os aspectos durativo e iterativo (de duração limitada) e na descrição comentadora<sup>9</sup> os aspectos indeterminado e habitual (de duração ilimitada). A descrição ainda é caracterizada pelos aspectos começado e cursivo;

e) por ser um tipo de texto do conhecer o predomínio quase total é da modalidade epistêmica da certeza. Às vezes aparece a possibilidade (menos de 1%);

f) a hipótese de Travaglia (1991:261) é "de que o tempo<sup>10</sup> para a descrição será dado sempre pela relação entre o tempo referencial e o da enunciação<sup>11</sup>: a) passado para as descrições passadas" (estáticas e dinâmicas, narradoras e comentadoras) (observou-se ocorrência de 100%); b) "onitemporal para as descrições presentes de comentário" (estáticas ou dinâmicas) (observou-se ocorrência de 100%); c) "presente para as descrições presentes de narração" e d) "futuro para as narrações futuras"<sup>12</sup>.

## 2) Textos dissertativos

a) são os textos com maior porcentagem de verbos gramaticais, sobretudo os auxiliares modais das mais diferentes modalidades, os ordenadores textuais, as expressões e os verbos de relevância. Estes seriam caracterizadores dos textos dissertativos;

b) contêm todos os tipos de verbos: dinâmicos, estáticos e gramaticais;

c) aparecem os verbos enunciativos de pensar, já que se instaura o interlocutor como ser pensante, que raciocina: pensar, achar, saber, parecer, etc;

d) os textos dissertativos só podem ser formulados com os aspectos imperfectivo, começado, cursivo e os de duração ilimitada (indeterminado e habitual), já que

pretendem apresentar fatos como válidos para todos os tempos;

e) como um texto do conhecer conceitual, é o tipo de texto com o maior número de modalidades presentes, mas predominam as modalidades da certeza (83,7%), da possibilidade (10,37%) e da probabilidade (4,08%). Ainda aparecem obrigatoriedade, permissibilidade, necessidade e volição (todas com menos de 1% e como objeto de análise);

f) aparecem todos os tempos verbais (categoria), mas a predominância é do onitemporal (67,85%) ou do tempo não marcado (21,86%), seguidos do futuro (4,18%), do presente (3,21%), do passado até o presente (1,61%) e do passado até o presente (1,61%) nesta ordem. A marcação de presente para o futuro não apareceu. Entende-se a predominância do onitemporal e do não-marcado, tendo em vista as propriedades da dissertação de apresentar idéias vistas como válidas para todos os tempos, o conhecer abstraído do tempo.

## 3) Textos injuntivos

a) aparecem auxiliares modais de modalidades imperativas, sobretudo obrigação e prescrição;

b) são constituídos essencialmente de verbos dinâmicos (ações);

c) aparecem verbos enunciativos mais no discurso indireto, e ligados à condição do produtor do texto de incitador e do receptor de potencial executor das ações: mandar, ordenar, determinar, pedir, suplicar, sugerir, recomendar, etc.

d) são marcados pela não atualização do aspecto; e) só são possíveis com as modalidades que o autor chama de imperativas (obrigação, permissão, ordem, proibição, prescrição) e com a volição e que são características dos textos injuntivos;

f) o tempo característico é o futuro independentemente da forma verbal (100% dos verbos com tempo atualizado).

## 4) Textos narrativos

a) os verbos gramaticais predominantes são os marcadores temporais e os auxiliares aspectuais, o que é coerente com a propriedade dada pela perspectiva de inserção no tempo e também os auxiliares semânticos (que dão detalhes ou nuances dos fatos narrados);

b) são constituídos essencialmente por verbos dinâmicos (ações, fatos, fenômenos, transformativos);

c) aparecem verbos enunciativos de contar e assistir, já que o produtor é o contador e o receptor é o assistente dos episódios: presenciar, assistir, ver (tudo/

<sup>8</sup> Utiliza-se aqui a classificação de verbos proposta por Travaglia (1991: capítulo 3).

<sup>9</sup> Sobre a distinção entre descrição narradora e comentadora ver Travaglia (1991: capítulo 2 e item 6.3.1).

<sup>10</sup> Entenda-se aqui a categoria de tempo e não as formas verbais. Para nós (Cf. Travaglia-1991) o verbo no Português faz as seguintes marcações temporais: passado, passado até o presente, presente, presente para o futuro, futuro, onitemporal; além, é claro, da ausência de marcação temporal.

<sup>11</sup> - Travaglia (1991: capítulo 5) propõe e distingue três tipos de tempos envolvidos na formulação dos textos: o referencial, o do texto e o da enunciação.

<sup>12</sup> - As porcentagens referem-se aos verbos com a categoria de tempo atualizada. Para os casos que não se apresentam porcentagens o autor considerou os dados encontrados não significativos quantitativamente, mas confirmando a hipótese.

o que acontecer/suceder/ocorrer), contar, relatar, narrar, falar/dizer (tudo/o que acontecer/ suceder/ocorrer);

d) só são possíveis com o aspecto perfectivo que caracteriza a narração. Dos aspectos de duração os mais característicos da narração são o durativo, o iterativo e o pontual;

e) as modalidades características desse tipo de texto são a certeza e a probabilidade, uma vez que são os textos que dão a conhecer os acontecimentos;

f) também para a narração o tempo atualizado depende da relação entre o tempo referencial e o da enunciação: a) presente na narração presente (85,65% dos verbos com tempo atualizado. O passado aparece com função retrospectiva.); b) passado na narração passada (98,50% dos verbos com tempo atualizado. O presente aparece com função de relevo); c) futuro nas narrações futuras (os dados não foram quantitativamente significativos, mas confirmam a hipótese).

Travaglia (1991) ainda apresenta outros fatos sobre os tipos de verbos e situações, as formas e as categorias verbais (inclusive pessoa e voz), mas cremos que estes exemplos são suficientes para demonstrar como a composição tipológica de textos afeta a formulação lingüística dos mesmos no que respeita ao uso dos tipos de verbos e das formas, mas sobretudo das categorias de tempo, modalidade e aspecto.

Um outro exemplo, fora dos elementos do verbo, é o fato de que nos textos narrativos (em que a perspectiva do produtor do texto em relação ao objeto do dizer é a do fazer ou acontecer inserido no tempo) a formulação lingüística vai exigir o uso de recursos da língua para marcação desse tempo, daí a presença maior em textos narrativos de recursos da língua marcadores de tempo, pois, além da marcação de tempo feita pelos verbos, observa-se o uso muito freqüente neste tipo de texto de recursos tais como: a) datas; b) conectores de valor *temporal*: conjunções iniciando orações adverbiais temporais; preposições ou locuções prepositivas (após, antes de, depois de, etc); seqüenciadores ou encadeadores temporais no tempo referencial (tais como: aí, daí, então); c) advérbios e adjuntos adverbiais de tempo; d) nomes (substantivos e adjetivos) indicadores de tempo: dia, mês, semana, ano, década, atrasado, adiantado, temporário, transitório, etc.), entre outros. Na verdade o uso de conectores e de tipos de relações entre cláusulas tem se revelado ligado ao tipo de texto: a) nos descritivos predominam os conectores de conjunção, somando as características que formam o "quadro" resultante da descrição e aparecem também os de contração, permitindo a oposição de características para o mesmo fim; b) nos dissertativos, como importam as relações entre idéias constituintes do conhecer, aparecem conectores para os mais diferentes tipos de relações: conjunção, contração ou oposição, disjunção ou alternância, causa/conseqüência

(explicativas, justificativas, causais, condicionais, finais, consecutivas, conclusivas), comparação (comparativas, conformativas), comprovação, especificação (incluindo a exemplificação) entre outras; c) na narração já falamos da importância dos conectores para marcar as relações temporais; d) na injunção são importantes os conectores de seqüenciamento de ações (em textos injuntivos que ensinam a fazer e como fazer com diversos passos) e de justificativa (para justificar o incitamento feito para determinada ação)

Cremos que estes exemplos (o espaço que temos não nos permite que nos alonguemos mais) são suficientes para evidenciar que a composição tipológica de textos é uma atividade de formulação textual com ação em vários aspectos da constituição / construção dos textos. Desse modo fica posto que o fator tipológico sobredetermina uma grande número das atividades de formulação textual, constituindo, por isso, uma atividade de formulação textual superordenada. Isto implica propor a hipótese de que há na formulação textual uma hierarquia entre as atividades de formulação textual. Até agora pudemos perceber três atividades de formulação textual como superordenadas a grupos de outras atividades de formulação:

- 1) as atividades de **composição tipológica** cujas subordenadas comentamos acima;
- 2) as **atividades** para realização das intenções comunicativas, que são as **de estabelecimento da argumentatividade** de um texto, que poder-se-ia chamar de atividades argumentativas de formulação textual que sobredeterminam outras como: a) a escolha de informações específicas dentro do conjunto de informações de dada natureza determinada pelas atividades de dimensão tipológica e que são as mais apropriadas para a consecução de dada intenção comunicativa; b) a ordenação dessas informações; c) sua apresentação como novas ou dadas, principais ou secundárias; d) a escolha de determinadas formas lingüísticas mais adequadas à consecução da intenção que se tem, ou seja, mais apropriadas à argumentação a ser estabelecida, como no caso da escolha de conectores e/ou outros operadores argumentativos;
- 3) as **atividades de estruturação cognitiva** do texto que vão sobredeterminar atividades de formulação textual como: a) a atividade de escolha de informações específicas que irão constituir o texto em função, por exemplo, do que se julga que o interlocutor sabe ou não, com maior ou menor detalhamento; b) a ordenação dessas informações em termos, por exemplo, do fato de umas serem pré-requisito para a compreensão de outras; c) a escolha de formas lingüísticas mais apropriadas à

compreensão por certo interlocutor (indivíduo ou grupo), o que afeta léxico e construções utilizadas por exemplo.

Como se pode perceber uma única atividade de formulação textual como a escolha de informações ou de certos recursos lingüísticos, pode ser determinada por mais de uma atividade superordenada de formulação textual. É preciso lembrar ainda que atividades de formulação subordinadas podem estar em correlação com outras também subordinadas. Assim, por exemplo, a ordenação argumentativa e cognitiva de informações pode afetar a ordenação dos elementos na seqüência lingüística e vice-versa. Ou seja, a formulação textual é um processo bastante complexo que merece atenção mais cuidadosa dos estudiosos do texto.

### Referências Bibliográficas

KOCH, Ingedore G. Villaça *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

KOCH, Ingedore G. Villaça e FÁVERO, Leonor Lopes "Contribuição a uma tipologia textual" in *Letras & Letras* vol. 3, nº 1. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 1987: 3-10.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 1989.

MARQUESI, Sueli Cristina. *A organização do texto descritivo em Língua Portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Um estudo textual-discursivo do verbo no Português do Brasil*. Campinas, IEL/ UNICAMP, tese de doutorado, 1991. 330 + 124 pp.

\_\_\_\_\_. "Seleção e organização de informações e a produção de textos" in DUARTE, Lélia Parreira (coord.). *Para sempre em mim: homenagem a Ângela Vaz Leão*. Belo Horizonte: CESPUC, 1999: 197-204

\_\_\_\_\_. "Da distinção entre tipos, gêneros e subtipos de textos" In: *Estudos Lingüísticos XXX*. Marília, SP: Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo / Fundação de Ensino "Eurípedes Soares da Rocha, 2001: 01- 06 (Revista Publicada em CD-ROM: artigo 200).

VAN DIJK, Teun A. *La ciencia del texto: un enfoque interdisciplinario*. Buenos Aires/Barcelona: Paidós, 1983.

\_\_\_\_\_. "News schemata" in COOPER, Charles R. e GREENBAUM, Sidney (eds.). *Studying writing: linguística approaches*. London/Beverly Hills/New Delhi: Sage Publications, 1986: 155-185

WEINRICH, Harald. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Madrid: Gredos, 1968.